

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

15 DE MAIO DE 1848.

N.º 82

O AMANTE DE UMA IMPERATRIZ.

Ha na entrada que conduz o viajante de S. Petersburgo a Tzarskoje uma pequena casa regular, construida segundo os principios da arte grega, e notavel sobretudo pelo bom gosto e pureza dos ornatos. O genio eslavonico, tão pouco dotado d' originalidade, reproduzio com paciencia todas as particularidades de uma casa attica. As arvores e os pinheiros do norte se agitam em torno destas elegantes columnatas, e seu murmurio parece ser um amargo queixume contra esta invasão da arte brilhante e meridional nos paizes do septentrião. Aqui vemos estes porticos, e estas arcadas destinadas em outros tempos a offerecer aos passeantes, uma doce sombra e uma salutar frescura, que hoje o vento norte açoita por espaço de nove mezes, sibilando com fúria no meio destes frios marmores.

Aqui se vê as antigas estatuas, bellas pela sua nudez pagã, que offende a vista em um paiz christão. Todas as janellas estão fechadas ha 40 annos; e os pinheiros incultos, o terreno arido, as ruas do jardim apagadas e desfeitas, zombão hoje da arte e dos thesouros prodigalisados pela imperatriz, que em outro tempo creou este retiro para os seus amores.

A historia desta habitação he a his-

toria tocante de huma alma fiel e obscura, perdida pelo capricho de huma testa coroada. A poucos passos de distancia da casa deserta, ha perto de vinte choupanas de *monjicks*, que parecem estar semeadas nas bordas do regato; e mais longe os tumulos dos habitantes da aldêa fazem voltear n'uma grande extensão de terreno suas ruas mortuarias. Deixei a estrada, e desviei-me do edificio grego e arruinado de Catharina para me dirigir para este cemiterio, n' uma tarde do outono de 1826. Não se ouvia su-urro algum; o ar era frio, e profunda a solidão. O monotono catalogo destes nomes de defuntos obscuros, e a enumeração de todas as suas virtudes paternaes, filiaes conjugaes etc., tinham já fatigado meus olhos, quando descolri em um canto do cemiterio uma pedra negra sem nome e sem inscripção. Assentei-me junto della, e perguntava a mim mesmo quem poderia ser o anonymo habitante desta sepultura. A ignãidade tão gaba-da da morte, dizia eu, será tambem chimerica? pois tambem haverá paixões debaixo da terra, assim como as ha em cima della?. Nenhum signal, nenhuma palavra havia que excitasse a memoria deste finado. Altas hervas cercavaõ o sepulcro; o verde musgo ardeolava seus angulos, tudo annunciava que o corpo sobre que pesava a pedra

jazia a'í desde muito tempo. Mas para que era este silencio e este esquecimento de inscripções funebres? Os crimes do defunto terião sido tão horribéis que fosse indecoroso publicar lhe o nome? Era este na verdade o unico tumulto cuja memoria não havia sido conservada por uma fiel affeição.

— Pobre dormente! exclamei eu involuntariamente, sózinho entre estes mortos tu te introduziste entre elles como se fosses hum foragido! O anjo que no dia de juizo, vier a estes lugares para chamar seus habitantes que nome te dará? Por quem o saberá elle? Será por esta dourada flor cuja raiz se tem alimentado no sangue de tuas veas? E terá ella falla para contar a historia d'aquelle que seus concidadaõs não osaraõ nomear?

A minha solidão foi interrompida pela appareção de um velho *moujick* de barbas brancas, que havia já alguns minutos se encostava a uma pã e me observava em silencio. Parecia elle inteiramente pacifico neste reino da morte, e assemelhava-se a Caronte em pé sobre sua barca fatal.

Voltei me para elle e perguntei-lhe o nome desta pedra muda, e com o seu barrete de pelles na mão respondeu:

— Este homem nunca viveu

Roguei lhe se explicasse mais claramente. E depois de uma curta pausa, continuou com tom mais sosegado:

— Quizerão que elle morresse, e quem que nunca tivesse vivido; foi riscado do rol dos vivos e dos mortos. Se desejais saber quem he este homem condemnado a este nada, ninguém na aldéa vos pode instruir senão eu, e ninguém melhor do que eu mesmo. Ah! se o cèo não tivesse ordenado de outra maneira, não seria eu hoje o pobre Grabowitch, o coveiro; aquelle que

dorme debaixo desta pedra teria um nome brilhante, que o marmore, o ouro e o diamante ainda não serião dignos de transmitir á posteridade. Mas não vades vós trair-me, porque se bem que os tempos em que reinava a grande Tzarina sejião passados, e ninguém nesta aldéa conheça já o pobre Andrei e seu irmão, o velho coveiro, a maldade committido nunca morre, e eu tenho um neto que he tambor na guarda imperial.

Grabowitch calou se. Approximou-se da humilde pedra, com o barrete na mão, e os cabellos brancos fluctuando á mercê do vento; depois lançou uma comprida vista sobre o tumulo coberto das grandes hervas, como se elle fizesse penetrar seus olhos e seu espirito no mais recondito do sepulcro. A sua narração pareceu-me singular e característica. A' semelhança de todos os Russos da classe inferior, á qual ainda não chegou a civilisação franceza, elle gostava de cobrir com um véo brilhante e imagens metaphoricas seus pensamentos e sentimentos: he misto, que se revela a origem oriental deste povo.

— A minha memoria, me disse elle assentando-se perto do tumulo, he tão fiel às recordações desses tempos do nosso esplendor passado como o cão que guarda as riquezas do seu dono já morto. Eu estou vendo ainda esta soberana, a representante de Deos, a Tzarina quando seus olhos se volverão para mim e para meu irmão, foi na época da grande revista anterior à guerra contra os Turcos, a qual teve lugar nos arrabaldes da nossa aldéa. A immensa planicie que acolá vedes, tão triste, deveis então vê-la. A linha infinita dos uniformes, das armas e das bandeiras estendia-se até se perder de vista; soldados, officiaes, generaes, batalhões em columna cerrada, enchião

o horizonte todo; os ajudantes galpavam, os tambores tocavam, as vozes de commando misturavam-se aos passos estrepitosos dos cavallos. Neste tumulto espantoso as aves cortavam ligeiras os ares; e nota-se que desde esse tempo abandonarão seus antigos ninhos. Logo no principio da revista, a Tzarina sahio da carruagem e montou a cavallo; e enquanto ella estava dando uma ordem a um official, cahio-lhe uma das luvas. Um ajudante de campo correu para a apanhar; mas meu irmão, o joven Andrei, de joelhos diante da imperatriz, já a esse tempo lha apresentava. Os olhos imperiaes fitarão-se sobre elle e sobre mim: este olhar nunca mais me esquecerá.

Andrei meu irmão, o homem mais bello da aldeã, e talvez da provincia, merecia na verdade um volver de olhos da Tzarina. Era elle um aldeão que nascera para principe. Talvez tenhais reparado no nosso paiz em betulas novas com seus desempedidos caules altos e direitos izentos não só das plantas parasitas que crescem ao pé dos carvállus, mas tambem das replantes que ceroão os olmos: taes são os verdadeiros filhos da Moscovia; ellas são esbeltas e desembaraçadas como a nossa raça. Sua forma lie direita; sua folhagem pallida balanceia-se brandamente e com negligencia; pôde-se dizer dellas que são o senhor da paisagem no meio de seus vassallos.

Tal era Andrei. Todos os pais o terião desejado para genro, e todas as donzellas para marido. Uma dellas, a joven Suena, tinha, havia longo tempo, attrahido as atenções e conquistado o coração de Andrei, e Andrei lie tinha inspirado tanto amor quanto elle sentia por ella. Chamado dahi a pouco ás bandeiras de Catharina,

partio com promessas de voltar, e com a resolução de se distinguir muito nos combates para voltar official, e para recobrar um dia sua liberdade à força de heroismo, e para apparecer diante de sua amada, não amante escravo e obscuro, mas marido livre e glorioso. Apesar de taes promessas, e como por um presentimento do futuro, a separação tinha sido dolorosa para a donzella.

Inconsolavel de pois da partida de seu amante, Suena tinha cahido pouco a pouco em uma melancolia mortal. Ella não se tinha reanimado senão um instante no dia da revista, quando tinha visto o seu Andrei desfilar na planicie da aldeã sua patria. Este dia tinha sido para ella um dia de festa e de vida, até ao momento em que ella tinha visto Andrei levantar a luva da imperatriz, e esta lançar seus olhos sobre Andrei. Mas então ella sentio toda a extensão da sua desgraça: como mulher ella tinha comprehendido o volver d'olhos de uma mulher; tinha comprehendido que o seu amante estava perdido para ella, e que o coração de um homem não podia ser disputado por uma aldeã a uma imperatriz.

No entanto Andrei, que queria ser heróe, não sonhava senão combates e não via senão inimigos. Joven e ardente, pensava sempre na gloria e no amor. Catharina quiz ser para elle ao mesmo tempo objecto de amor e de gloria. Ella ordenou-lhe que amasse, e não havia remedio se não obedecesse. D'entre todos os seus camaradas, foi elle o unico que não marchou contra os inimigos da Russia. Enquanto outros alcançavão honra á custa do proprio sangue, a elle só cabião curtos instantes voluptuosos um clarão de grandeza, e no fim a morte! Parece-me que ainda o vejo encostado con-

tra uma arvore acolà em baixo, com os olhos litos sobre um ponto afastado, como o amante que segue de longe os passos de sua amada: erão nossos soldados que ião combater, e que seus olhos seguião atè ao ultimo limite do horizonte.

A aldêa estava deserta; todos os homens que podião tinhão seguido as bandeiras da patria; sò velhos, mulheres e crianças tinhão fiodado; e teve tambem de ficar como um velho, como uma criança, como uma mulher. Ah! se elle tivesse ficado por Suená, se elle tivesse desertado por seu amor, teria sem duvida esquecido sua paixão pela gloria, vivendo em obscura felicidade junto da sua amante; mas não! era-lhe preciso renunciar ás suas mais caras illusões, ou ás mais doces esperanças; era preciso esquecer suas duas esposadas — a guerra e Suená — para vegetar em um palacio, para obedecer às vontades da imperatriz; porque tal era o poder dos senhores neste paiz e a disciplina dos povos, que atè mesmo ás paixões destes obedecem aquelles, e atè o amor se submete no coração dos subditos.

Na França, na Italia, ou em qualquer outra parte, a donzella abandonada teria, se não realisado, ao menos meditado vingança; a falta de punhal ou de veneno, votos ao menos terião attentado contra os dias de Catharina! Aqui porem a donzella ourvou a cabeça, resignou-se a morrer, sem um murmurio, sem uma queixa.

O mancebo, em outra nação, teria tentado salvar-se com sua amante, ou teria continuado ao menos a ama-la em segredo; mas aqui Andrei, como subdito fez generosamente todos os seus esforços para esquecer o primeiro amor

e para dar todo o seu coração a Catharina; porque nossos senhores, são nossos senhores, e nossas almas lhes pertencem assim como nossos corpos.

Entretanto que Suená suspirava em silencio, a vergonha e desesperação de Andrei erão offuscadas com rasgos do favor imperial. Os mesmos farrapos luzem quando são doutraos pela luz do sol.

O palacio que acolá vêdes, mandou-a imperatriz edificar, como por encanto, para o seu amante. Ella queria, dizia, passar ahi a bella estação longe do tumulto da capital com Andrei; A simplicidade, sinceridade, franqueza e afeição de Andrei, erão cousas totalmente novas para a Tzarina. Quando, com ólhos arrazados de lagrimas por causa das ternas saudades de Suená, elle supplicava a Catharina que o deixasse seguir o exercito, nenhum olhar de olhos ameaçador vinha punir a sua ousadia. Ella, viuva de um monarcha, convertia-se em adúladora e escrava do aldeão, e se entretinha a instruir-o nas sciencias e nas artes.

No fim do verão, Catharina rão voltou para a capital; as compridas noites do inverno, passava-as ella sozinha com Andrei; à luz de um candieiro estavão os dous amantes sentados um junto do outro, embelidos nestes mysteriosos entretenimentos que nenhum ouvido indiscreto podia escutar. Se o tempo estava bom, davão passeios a pé ou a cavallo pelas visinhanças do palacio. O cão domestico não segue mais assiduo os passos de seu dono, do que a Tzarina seguia os do seu amante. Mas neste nosso paiz a primavera e o sol vecejão e resplandecem com rapidez enganadora; e os caprichos da alma são rapidos como os ardores do verão.

Eu que já fui o illustre irmão do favorito... estou hoje feito coveiro. A pá funeraria he o meu ganha-pão. Fazer as sepulturas para os meus semelhantes he asilo seguro contra a má sorte; e he este o meu unico recurso. Quem tal diria? O final da minha historia he triste e poderá talvez acordar estupefactos os habitantes destas sombrias moradas. He uma bem extraordinaria aventura.

Calou-se. Meus olhos se firmarão na sua face engelhada. Nestas feições mirradas pela velhice queria eu descortinar a belleza de Andrei, que tinha seduzido a imperatriz; estava a figurar sobre estas curtas espadas uma cabeça coberta de compridos cabellos louros, quando elle me interrompeu dizendo:

— Dispensai-me de contar particularidades inuteis. Ellas magoarão vosso coração, apesar de não terdes conhecido o meu Andrei, orgulho da minha mocidade e o unico amigo do meu coração. Sua historia he muito dolorosa. Catharina mudou. Catharina não tardou a afeiçoar-se de outro homem mais sagaz, mais cortezaõ do que meu irmão e que por isso soube encaixar o coração imperial com peias mais seguras. Em lugar de amor o pobre Andrei não teve senão o odio desta mulher, que por fim não quiz mais vê-lo, nem delle ouvir fallar.

O raio protector havia já desaparecido. Andrei tornou a ficar na sua antiga obscuridade. Porém era uma testemunha e fazia-se mister dar cabo de um homem que ia revelar para a aldé os intimos segredos do leito imperial. Em consequencia disto, um infame, que trazia dragonas de official, provocou Andrei com ins-

sultos; e este exigio uma satisfação. Houve o competente desafio, e o combate foi à pistola. Toda a gente affirmava que a arma que se deu á victima estava carregada de polvora secca. O assassino (dou-lhe este nome, e não terei razão para isso?) atravessou o coração de Andrei com uma bala e não ficou ferido.

Tal foi o desfecho desta amizade imperial. O cadaver foi levado de noite ao cemiterio; quebrou-se uma espada sobre sua cova, e seu nome foi votado ao esquecimento, por ter, segundo dizião, violado as leis do duello. Eis a verdadeira historia do homem desconhecido que esta lousa cobre.

Commoveu-me na verdade a historia d'este infeliz, que uma mulher havia escolhido para satisfação de seus prazeres, da mesma sorte que nós tomamos um criado para nos servir. Era um criado para a cama que se podia despedir como se faz aos outros. Mas esta politica, que fazia que a amante deshonrasse o proprio tumulo do favorito, parecia-me execranda. Esta mulher riscando até o mesmo nome de Andrei, depois de se ter servido do seu amor e ter tirado a sua vida, parecia-me facto tão monstruoso como certos actos dos imperadores da antiga Roma.

Grabowitch continuou:

— Suena morreu depois de Andrei; eis ali seu tumulo. E como eu, depois da desgraça de meu irmão, me fiz coveiro para poder viver colloquei esta terna victima ao lado de Andrei como deveria ter estado durante a vida.

E suspedendo por um instante o seu discurso, continuou depois em voz sumida:

— Como aqui ninguém nos ouve, posso dizer-vos que a Tzarina, em quanto viveu, veio todos os annos visitar o tumulo de Andrei; e para vos dizer tudo o que eu penso, accrescentou elle na sua crença meio-christã e meio escandinava, se Deos vingá lá no céo os delictos cá da terra, elle deve os ter lá juntado, como eu aqui fiz aos corpos. Estas duas almas separadas sobre a terra, deve elle te-las casado no paraíso á vista da imperatriz; será este o castigo e o inferno dessa mulher, se ella ainda ama Andrei.

O coveiro então ausentou-se pondo o dedo na boca para aconsellar silencio; mas eu quiz contar esta historia ignorada de um pobre moujick moscovita que pagou cara a honra de ser amado de sua soberana.

Quanto sangue não custa o capri-
de uma testa coroada! Quão gran-
de he a tyrannia que se exerce até
sobre os corações! Como he terrivel
aquelle idolo que só se sastifaz com
victimas humanas aos pares, e que
sobre seus altares devora homem e
mulher!

CREANÇA ARREBATADA POR UMA
AGUIA DOS ALPES.

Um lavrador Suisso, pai de
três filhos, tinha ido passar o ve-
rão a uma dessas choupanas para
onde os habitantes dos deliciosos
valles do Vaud se retirão para a-
pascentarem seus rebanhos nas
vertentes das montanhas. Alli vi-

via com sua mulher e seus três
filhos, o mais velho dos quaes
de idade de oito annos era 'idiota',
o segundo, de cinco annos, mu-
do e o mais novo contava ape-
nas dois annos. Aconteceu que
um dia deixarão o mais pequeno
só com os setis dois irmãos.
Apenas a mãe se ausentou, po-
zerão-se a correr de um lado
para o outro, e a final forão lon-
ge de casa brincar e saltar so-
bre os rochedos. Voltando a
mãe á choupana e não encon-
trando os filhos, foi em sua pro-
cura e conseguiu acha-los; mas
deu só com os mais velhos; o
mais pequeno tinha desapare-
cido. O idiota manifestava o pra-
zer de que se achava possuido
pelos mais extraordinarios trejei-
tos; o pobre mudo pelo con-
trario, parecia consternado, e
a expressão de terror que se di-
visava em seus olhos dava á mãe
os mais terriveis presentimentos.
Debalde procurava esta infeliz
advinhar os gestos pantomimicos
de seus filhos, de que tanto
tinha a recear. O jubilo sin-
gular do idiota e o semblante
espavorido do mudo nada lhe pa-
tenteavão. Finalmente, os gestos
mais expressivos do mais velho, as-
semelhavão-se aos de uma pessoa
que com grande satisfação tivesse
encontrado aquillo que procurava

desde muito tempo: e isto fez succulter á mãe que seu filho houvesse sido levado por algum amigo ou visinho, o que ás vezes aconteci, por ser muito estimado da vizinhança, em razão de sua belleza e mansidão. Mas veio a noite, e nada se soube da creança. No dia seguinte voltáão os pais em busca de seu filho. Estavão ainda perto da choupana, quando uma aguia lhes veio addeor por cima das cabeças: apenas os dois rapazes a virão, manifestou logo o idiota o maior prazer, e o mudo principiou a tremer, a chegar-se para o pai e a tapar os olhos com as mãos para não vêr o passaro. Então comprehendeo a mãe que seu filho tinha sido arrebatado por alguma ave de rapina.

Na mesma manhã em que este funesto accidente occorrêra, tinha-se emboscado um caçador perto do ninho de uma aguia, com tenção de lhe atirar, logo que ella se recolhesse. — Depois de ter esperado algumas horas, vio finalmente uma dessas terriveis aves, adejando com difficuldade sobre os rochedos, e que lhe pareceo de um tamanho extraordinario. — Imagine-se a surpresa e o terror do caçador, quando, aproximando-se mais á

aguia ouviu gritos, e distinguio o corpo de uma creança que o passaro levava nas garras! Então não hesitou em fazer fogo sobre o animal, se bem que corresso o risco de matar a creança; contudo era o unico partido que lhe restava; e implorando a protecção divina, fez pontaria e descarregou a espingarda: a bala ferio a aguia na cabeça, e a pobre creança, escapando das garras do tremendo monstro, foi entregue a sua inconsolavel mãe, a quem, ainda depois de aperta-la em seus braços, parecia impossivel torna-la a ver. As garras da aguia tinhão horivelmente dilacerado a creança, mas por fortuna nenhuma das feridas era mortal.

A VIRTUDE CHINEZA

Na China no principio de cada anno, o Governador de cada Cidade, por ordem do Imperador, depois de ter collido as mais exactas informações dá uma grande banquetê a todos aquelles que no decurso do anno que expirou praticarão alguma acção virtuosa.

Este banquetê é preparado na praça publica, e dentro de uma barraca por cima da qual se lêem estas palavras: "*Homens de todos os estados e condições, a virtude e quem vos torna todos iguaes*" (1) povo contempla e examina todos os convidados, e se visse um só entre elles que não merecesse aquella honra, obriga-lo-hia, pelas suas vozeiras, a sahír da mesa, e a ir esconder-se.

● que pode a miseria.

N'uma d'aquellas noites em que todos os elementos parecem querer desprender-se contra os infelizes cujo maior crime é não terem asylo nem amigos ; n'uma daquellas longas noites de inverno em que a neve cahia e cobria as ruas de Londres d'um lençol gelado não se encontrava , com um tempo tão medonho , se não alguns guardas nocturnos embuçados nos seus capotes, perseguindo os desgraçados para obrigal-os a trocar a sua penosa liberdade pelas doçuras d'uma prisão.

N'essa noite pois em que ninguém poria fóra da porta nem o caô do seu inimigo atravessava um homem mal vestido a passos lentos, as ruas da cidade sem lhe importar o tempo nem a opiniaô que d'elle se poderia formar como se nem um ente devesse interessar-se pela sua sorte. E contudo não acontecia assim ; a sua miseria era partilhada , elle tinha mulher e uma filha , uma mulher rapariga e bella out'ora feliz e de vigorosa saude , a quem agora a miseria , tinha imprimido nas faces as rugas da velhice : sua filha chorava pelo grosseiro alimento de que sua mã se tinha privado havia quatro dias para lhe dar . Ah ! quantas desgraças ha occultas sobre as quaes a charidade derrama lagrimas , em tanto que algumas gotas do seu balmamo poderiaô cicatrizar muitas chagas ignoradas ! mas não a hypocrisia quer a publicidade das ruas

e dos salões e dá com a ponta do dedo a sua offrenda , por não dizer a sua contribuiçãõ calcando aos pés esta maxima : *a esmola deve sahir do coração e não passar dos lábios.*

A desgraça havia-se fortemente apôlerado do infeliz Arnold , elle tinha tido bellos dias e immensos amigos ; porem agora estava desgraçado , e a sociedade não lhe importava a causa da sua indigencia ; elle estava pobre , e a pobreza é uma offença que se condemna sem ser julgada ; por muito tempo Arnold tinha luttado contra a hydra da calamidade ; porem tinha sido veneido , estava pobre , e pobre sem esperança de meliôrar a sua sorte.

Chegou á sua casa (eraõ umas aguas furtadas) cujas paredes vertiaô humidade e mobilhadas com um enxergao , algumas cadeiras , e uma mesa velha de mogno , unico resto do seu esplendor passado. A sua companheira tinha nos braços sua filhinha , por nome Maria , e recebeo-o com um d'esses tristes sorrisos que equivallem a uma aguda punhalada.

Estou sem emprego , diz Arnold , chegando-se para uma cadeira ; e minha mulher e minha filha morrendo á fome ! . . . minha Mariquinhas ; meu anjinho ! exclamou este afflicto pai , e a innocente e infeliz creança sorrio-se para elle.

Querida filha , acrescentou Arnold , quem terá cuidado de ti , quando fores orphão ? Quem te tratará quando estiveres doente ? Quem

entenderá a tua linguagem ? Quem fará as vezes de teu pai ? Oh ! Deos ! Deos ! a vida do infeliz é uma agonia perpetua ; porrem por mais horrenda que seja, conservai-m'a para amparo d'este anjinho !

Anima-te , meu querido Arnold, lhe diz sua mulher , amanhã serás mais feliz do que hoje ; a tua actividade e honradez são conhecidas , portanto não poderás estar muito tempo sem emprego : espera pois , a Providencia velará sobre nós.

A Providencia ! exclamou Arnold, com ironia , ella vela sobre o rico : a Providencia ! Ella é surda á voz do pobre . Neste momento ja não havia lagrimas nos seus olhos afogueados. Entregou um shilling a sua mulher.

E' o ultimo lhe diz elle , compra alimentos para ti , e tua filha , em quanto a mim , não tenho fome . já comi . depois, sem dar mais palavra , deita-se no seu enxergão. ●

Assim se passaraõ quatro dias , e cada hora tornava mais deploravel a posição d'esta infeliz familia. O frio augmentava como a fome e esta pobre mãe , para aquecer sua filha , não se tirava da cama e por cumulo de infortunio , o pai-deiro tinha recusado continuar a dar-lhe pão que ja lhe não podia pagar.

Arnold, tendo-se resolvido finalmente a sahir , tornou a entrar ;

sua filha dormia e sua mulher , com as mãos postas , estava em oração. Que terrivel quadro para este pai !

Já não posso diz elle suffocar a voz da natureza , ja me não é possivel por mais tempo procurar a agonia de minha mulher e de minha filha , e taõ certo como haver um Deos que domina tudo , haõ de ter paõ.

No mesmo instante sahe , a rua estava deserta , a noite muito avancada , e com um tempo taõ tenebroso parecia , que á excepção d'elle não um vivente estacia fóra de casa.

A final passa um individuo pela esquina d'uma rua visinha ; o coração de Arnold palpitava com violencia , ia retirar-se ; mas julgando ouvir os gritos de sua filha , aproxima-se do sujeito com timidez , e supplica-lhe que lhe dê uma esmola. Vá-se daqui mandrião . diz o venturoso Fariseo não tem vergonha de se deitar a essa vida? vá-se com o diabo . trabalhe ; e dito isto , afastou-se a passos largos.

Arnold estava desesperado : Trabalha diz elle , eis a phrase trivial de que se serve a avareza ! Trabalha ! quando apenas tenho força para me suster quando ha seis dias que nada tenho comido ! Trabalha !!! Talvez diga a sociedade que este homem é estimavel e humano ? Ah ! sociedade ! sociedade !!! A outro que appare-

ça já não lhe vou pedir . . . preciso paõ paõ para minha filha : e preciso delle já

Poucos minutos depois aproxima-se um mancebo ; — Arnold agarra-lhe pela gola da casaca : a sua bolsa , lhe diz elle minha filha não tem que comer ! — Tendes máo officio , lhê responde o sujeito surprehendido de semelhante ataque ; porem vou satisfazer-vos , aqui está minha bolça — Que contem ella ? perguntou Arnold. Umas moedas d'ouro e alguma prata. — Arnold abriu-a , tirou-lhe dez shillings , e restituiu-lh'a. Não quero mais , diz elle , agora já tenho paõ para minha filha. — Ide-vos em paz , e perdoai-me ! . . .

Admirado o individuo de uma tal conducta , seguiu Arnold. A poucos passos vê-o bater á porta d'um padeiro e sahir carregado de paõ : alli sabe que Arnold se via reduzido a maior miseria , e que havia muitos dias , que elle , sua mulher e sua filha estavam privados de todo o alimento. Sensibilisado pela narraçãõ do padeiro , dá lhe um gui-néo , para que forneça o paõ a esta infeliz familia , e promete voltar. Entrando em casa , põe Arnold o paõ sobre a mesa , e diz : Tomo , minha querida mulher eis aqui paõ para uma semana , já arranjei tudo , a nossa menina não morrerá de fome e tu mesma não jejuarás : quanto a mim acho-me cansado : boa noite ; e deitou-se opprimido de remorsos. Por muito tem-

po procurou conciliar o sono , que só lhe veio escoltado de muita fome.

Raiou finalmente o dia , e Arnold não foi como era de costume procurar emprego , julgava que todos os homens descobriam nelle a expressãõ do crime. Para acalmar a sua agitaçãõ , pôz-se a uma janella que deitava para a rua , e logo reparou em dous individuos , que pareciaõ observar a casa com atençaõ ; n'um julgou reconhecer o sujeito da vespera , tinha as mesmas feições , o mesmo facto ; finalmente não havia mais que duvidar , era elle ! Arnold ficou assombrado como de um raio , fugio-lhe a luz dos olhos , tornou-se pallido como um moribundo , e retirou-se , n'uma convulsãõ , para o canto mais recondito do seu quarto ; depois aproximando-se da mulher e sua filha , as chega convulsamente ao seu coração.

Ouve passos pela escada , e percebendo que era gente que subia , fuge para um quarto immediato e fecha a porta. ●

Os dous estranhos entrarão n'este momento ; Senhora , diz o mais moço , temo a portunidade da minha visita , porem attento o seu motivo , espero me desculpeis : vós estaes em desgraça , permittime que vos offereça o meu prestimo , e dizendo isto , poz sobre a mesa uma bolsa cheia de ouro. A mulher de Arnold levantou os olhos para o generoso visitador , cujo olhar mavioso parecia implorar o

perda do seu beneficio, e chorando de reconhecimento. Lhe cahiram algumas lagrimas sobre a innocente filhinha que tinha nos seus braços. Arnold! Arnold! não foram baldadas as minhas orações! vem cá, vem depressa, eu bem te tinha dito que a Providencia velaria sobre nos!

Porém Arnold nada responde. Sua mulher corre ao gabinete, e não acha ninguém.

No mesmo momento ouve-se um estrondo na rua, e os gritos da multidão que rodeava o corpo de um homem, que se havia precipitado da janella abaixo n'um accesso de desesperação.

Era o corpo de Arnold.



Epistola Singular.

Braz Mascarenhas, portuguez, encantado pelo gosto das viagens deixou a casa paterna para ir buscar em remotos climas objectos de interesse, que lesonjeassem a sua imaginação: porem logo na primeira viagem teve a infelicidade de ser captivo dos piratas: passado algum tempo, conseguiu recuperar a sua liberdade; e se dirigio então ao Brasil, aonde se distinguio durante a guerra, que os intrepidos collonos fazião aos Hollandezes. Voltando á patria, occupou ainda diversos empregos; sendo um o de governador do Forte de Alfayate; porem, como fosse accusado do cri-

me de traição, foi logo arrebatado do seu retiro para ser sepultado n'uma masmorra da Torre de Sabugal. A sua imaginação lhe suggerio um meio assáz bizarro de sair da prisao. Obteve do seu guarda uma pouca de farinha para fazer (dizia elle) um remedio necessario para certa cura que precisava, e juntamente uma tisoura para talhar o seu facto; e d'ahi a dias pediu tambem um livro, para des-sipar com a sua leitura tristezas, e pezares. Teve pois a paciencia de cortar as differentes letras, que compunhão esta obra, e colloca-las sobre algumas folhas de papel reservadas para este effeito, e escreveu assim uma extensa epistola ao rei que lhe restituiu a liberdade, assim como o seu emprego de governador. Como escriptor deixou um poema heroico o — Viriato tragico — em vinte cantos. A pessoa do nosso heroe anima geralmente a vasta scena, que apresenta o seu poema, e eleva muitas vezes o interesse do seu character ao mais subido gráo: floreceo nos primeiros cincoenta annos do seculo XVII.



Os Hypocritas.

Se bem que seja difficil conhecer esta casta de gente, com tudo eis a sua ethopeia ou retrato moral que respeita a pintura individual, e particular dos sujeitos. Diz se hy-

pocrita em geral todo aquelle, que debaixo de especias apparencias, é assas iniciado em todos os ardiz, e argucias conserva o segredo de occultar aos olhos do publico as desordens, e desvarios d'uma vida estragada e muitas vezes criminosa. Neste sentido não se pode duvidar de que a hypocrisia se acha desgraçadamente generalizada por todas as classes da sociedade, fazendo brotar um grande numero de impostores. Com effeito quantos malvados e perversos se achão revestidos de habitos honrosos! Quantos corrompidos cujo dorso lhe curva com o pezo de iniquidades, e que se apresentaõ com todo o fausto, e ostentaçõ de probidade! Quantos embusteiros insolentes se gabaõ de guardar os foros de uma acrisolada sinceridade! Traidores habeis em se ostentarem como modelos de fidelidade, e patriotismol E quantos outros homens sensuaes, escravos das paixões as mais infames ousaõ affectar pureza de costumes, alardeando até de a possuir quaes rispídos Catões em grão de severidade! Ao contrario quantos justos victimas de injustas accusações, e condemnados! Outros pela malignidade do seculo desacreditados, soffrendo o ferrete da calumnia! Quantas virtudes heroicas contestadas! Quantas obras boas censuradas! E finalmente quantas intenções rectas mal explicadas!

INDUSTRIA DE UMA AVEZINHA.

O papa-formigas é um passarinho insectivoro, do tamanho e do genero do cataxo: busca o sustento por variados modos, seguindo o instincto que lhe deu o Creador como aos de mais viventes; mas é sobretudo digno de observaçõ o meio engenhoso de que se serve quando descobre algum formigueiro, para colher as moradoras delle, que são os insectos de que mais especialmente é goloso. Põe-se na entrada do formigueiro de modo que o tapa inteiramente com o corpo e as formigas alvoroçadas para sahir aeodem de rondaõ á porta, e embaraçã-se por entre as pennas da ave. Esta entaõ toma o vôo, e vai largar n'um terreirinho ou espaço de chaõ calcado, sacudindo com força as azas, todo o provimento de que se carregou: ahi está a sua mesa posta: ahi se regala á vontade com o producto da singular caçada. Causa gosto observar a ligeireza com que, voltando-se para quantos lados as formigas desfilãõ para escapar consome o banquete em poucos minutos. — Pela lei das compensões, tambem o papa formigas é comido pelos caçadores.